



A agroecologia sob a ótica das assentadas e assentados da Comuna da Terra Dom Tomás Balduino (Franco da Rocha, SP)

Agroecology from the perspective of the settlers of the Comuna da Terra Dom Tomás Balduino (Franco da Rocha, SP)

PERALTA, Marina Cristina Campos¹; OLIVEIRA Jr, Clovis J. F.²

¹ FFLCH (USP), marina.peralta@usp.br; ² IPA (SP), clovis@sp.gov.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Para avançar na construção do conhecimento agroecológico, acredita-se ser imprescindível ressaltar que os princípios da agroecologia têm suas raízes em práticas milenares realizadas por diversos povos, que antecedem muito a nomenclatura formalizada. Em contrapartida, o panorama de transformação violenta das práticas tradicionais das populações rurais, imposto pela agricultura convencional capitalista, também precisa ser evidenciado. Assim, neste estudo buscou-se expor as noções e práticas agroecológicas de camponeses do assentamento Dom Tomás Balduino - observadas a partir de pesquisa participante - para refletir sobre a apropriação dos conhecimentos agroecológicos e discorrer sobre a importância de seu aprofundamento dos mesmos, cuja tarefa acredita-se ser um dever do poder público. Da mesma maneira, considera-se fundamental o diálogo e vivência junto aos camponeses, para que o conhecimento agroecológico seja cada vez mais construído em consonância com a realidade vivida pela população rural.

Palavras-chave: transição agroecológica; reforma agrária; camponeses; pesquisa participante.

Introdução

O Assentamento Comuna da Terra Dom Tomás Balduino surgiu em 2001, foi organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e está localizado na encosta da Serra do Japi, no município de Franco da Rocha (Região Metropolitana de São Paulo). Sua extensão é de 192 hectares de terra, distribuídos em três núcleos de moradia, onde residem, no total, 63 famílias camponesas - interpretadas enquanto integrantes do campesinato, classe social que resiste às imposições do modo capitalista de produção, que contraditoriamente cria e recria o campesinato e o latifúndio na realidade agrária brasileira (OLIVEIRA, 2007).

O Assentamento em questão foi formado principalmente por pessoas provenientes de situação de rua, em condição de extrema vulnerabilidade socioeconômica, identificados pela Comissão Pastoral da Terra. A falta de políticas públicas e a ineficiência, ou falta de prioridade do Estado acarretaram (e continuam acarretando) em uma conjuntura de carência de direitos básicos pelos assentados, como a falta de distribuição dos recursos hídricos, a falta de linhas de crédito para financiamento de projetos - resultando em dificuldades financeiras -, a carência de uma formação agroecológica aprofundada, entre outras questões. Dessa forma, prejudica-se o andamento do processo de transição agroecológica no território.



O estudo aqui apresentado expõe algumas reflexões possibilitadas pelo desenvolvimento da pesquisa de mestrado “A transição agroecológica como alternativa ao agronegócio: análises e contribuições ao caso do Assentamento Comuna da Terra Dom Tomás Balduino”. Tal pesquisa está sendo realizada pela autora deste resumo expandido, que recebe o apoio financeiro da Fapesp.

O intuito é pensar acerca de como os conhecimentos agroecológicos são apropriados, interpretados e praticados pelos assentados e assentadas do assentamento em questão - mesmo por aqueles que desconhecem o termo “agroecologia”. Buscamos refletir sobre as evidências encontradas nas falas e nas práticas dos assentados, identificando as carências como resultado da ineficiência do poder público, no sentido do avanço da contínua construção e reconstrução da agroecologia, de modo cada vez mais engajado e presente nos territórios de luta dos movimentos sociais e dos povos diversos. Consideramos que o aprofundamento dos conhecimentos agroecológicos são fundamentais para o desenvolvimento da soberania alimentar, permitindo a emancipação e autonomia dos povos (FERREIRA E FELÍCIO, 2021), e possibilitando o direito à uma alimentação que de fato nutra as populações material e espiritualmente (PRIMAVESI, 2016).

Metodologia

O estudo apresentado neste resumo se desenvolveu a partir de pesquisa bibliográfica e de trabalhos de campo, realizados com embasamento nos princípios da pesquisa participante, originada entre as décadas de 60 e 80 na América Latina, evidenciando o necessário “compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir” (BRANDÃO, 1987, p.12 apud MARCOS, 2006, p.109).

A escolha de tal modalidade de pesquisa ocorreu por entendermos que uma visão de mundo hegemônica nos foi imposta de maneira a sufocar, silenciar e oprimir vozes de diversos povos de forma extremamente violenta (GONÇALVES, 2006). Assim, os resultados sobre as percepções e conhecimentos dos agricultores e agricultoras a respeito da agroecologia foram obtidos a partir de diálogos e vivências da autora junto à comunidade do assentamento, que realizou entrevistas semi-estruturadas com questões abertas e fechadas.

A pesquisa a qual este estudo pertence está aprovada pelo comitê de Ética (CEP) da Plataforma Brasil sob o CAEE: 60219122.1.0000.0138.

Resultados e Discussão

As respostas analisadas neste resumo dizem respeito à seguinte pergunta realizada no questionário de pesquisa com 46 famílias do assentamento: “Você conhece a



agroecologia? Como conheceu? O que conhece sobre? Concorda ou discorda?”. Não será possível expor todas as respostas obtidas, por isso faremos uma síntese das mesmas. De antemão, gostaríamos de ressaltar que todos os assentados entrevistados trouxeram reflexões sobre a importância da produção diversificada e da não utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos, além disso, quatro famílias alegaram trabalhar com Sistemas Agroflorestais (SAFs) em seus lotes.

Responderam que conhecem a agroecologia 58,7% das entrevistadas/os (27 assentadas/os), sendo que: 17 afirmaram que conheceram a partir de cursos e vivências realizados pelo MST; 2 responderam que aprenderam pela prática da vida com suas famílias desde a infância, e que depois aprimoraram esses conhecimentos a partir de cursos e vivências possibilitados pelo MST; 2 responderam que conheceram pelo globo rural; 1 conheceu pela televisão (não especificando exatamente o canal ou o programa); 1 conheceu a partir da leitura de livros; 1 conheceu pelo *youtube*; 1 conheceu quando estudava no EJA, por um professor de lá; 1 conheceu conversando com moradores do assentamento; e 1 pela internet (não especificando a fonte).

Das entrevistadas/os, 10,9% (5 assentadas/os) responderam que conhecem mais ou menos ou já ouviram falar: 2 afirmaram que ouviram essa palavra com moradores - um deles, mesmo afirmando não entender praticamente nada, em seu lote é perceptível o grande conhecimento de princípios agroecológicos, como produção super diversificada e, em muitos casos, consorciada, cobertura de solo muito bem feita, compostagem e criação de animais (peixes, abelhas, galinhas); 1 alegou que só ouviu falar em agroecologia, mas não faz referência a nada em sua cabeça, apesar dela praticar compostagem e cobertura vegetal, e possuir banco de sementes; 1 respondeu que conhece, mas explicou o que era mutirão, ao invés de falar sobre a agroecologia de uma forma mais geral; 1 já ouviu falar na televisão mas alegou não saber o que quer dizer, apesar de ter uma produção realizada de forma diversificada e também consorciada em muitos casos, além de guardar sementes e realizar cobertura de solo.

Do total entrevistado, 30,4% (14 assentadas/os) responderam nunca terem ouvido falar na palavra agroecologia, sendo que, destes, apenas em 2 lotes não foram identificadas práticas agroecológicas, possivelmente por estarem com a produção completamente paralisada, em 12 destes elas foram identificadas (como por exemplo, cobertura de solo, compostagem, banco de sementes, grandes interações entre os sistemas de produção, etc.). Quando questionados sobre como aprenderam essas práticas, todos haviam adquirido esses conhecimentos desde a infância, em sua convivência na terra com suas famílias, além de experiências ao longo da vida, mas não faziam nenhuma associação à palavra agroecologia.

Especificadas tais respostas, com a finalidade de contribuir para as discussões, a seguir serão expostas três respostas transcritas que nos chamaram mais atenção:



A gente tinha o sonho de trabalhar com a agroecologia, mas a agroecologia eu sei que tem que ter dinheiro, ela é muito bonita no papel, mas na prática é muito difícil de se fazer. Tem que ter assistência técnica e financeira pra você investir. A gente tinha livros, fez cursos, um monte de coisa. Mas aí quando você vai colocar na prática, como você vai fazer se você não tem dinheiro pra investir? É muito complicado.

Acho a agroecologia importante, mas nós já vivemos no meio da mata. Eu sei que a agroecologia é plantar árvore nativa e plantar frutífera, eu sempre assisto no globo rural e acho muito bom as pessoas plantarem várias coisas. Nosso lote já tem agrofloresta. Aqui tem muito mato, nem precisa de agroecologia.

A gente não quis seguir a agroecologia porque não acha sustentável. É sustentável pra quem não tem pressa de renda, né. Pro início ela não é sustentável, é mais pra quem já tem um pé de meia feita, aí você vai vivendo da agroecologia, né.

A partir de todas as exposições, gostaríamos de afirmar que acreditamos na agroecologia enquanto ciência, movimento político e prática social (ABA, 2015). A proposta trazida pela produção agroecológica aponta para o desenvolvimento de agroecossistemas complexos que reproduzam “a estrutura e a função dos ecossistemas naturais” (ALTIERI, 2012, p.106 e 107). Assim, sendo eficientes biologicamente, com grande capacidade produtiva e capazes de sustentar sua autossuficiência - não necessitando de insumos externos -, já que a ideia é que “os próprios sistemas subsidiem a fertilidade do solo, sua produtividade e a sanidade dos cultivos” (ALTIERI, 2012, p.104 e 105).

Assim, a agroecologia apresenta conhecimentos capazes de enfrentar as “consequências inexoráveis do agronegócio” (MACHADO e MACHADO FILHO, 2014, p.37) a partir do conhecimento científico aliado à “valorização das culturas tradicionais e o resgate de conhecimentos sobre a agricultura praticada nos sistemas indígenas” (SANTOS, 2021, p.12).

Diante da realidade observada, é possível observar que praticamente a totalidade dos assentados realizam práticas sustentadas em princípios agroecológicos, sendo elas principalmente a produção diversificada e consorciada, a cobertura de solo, a compostagem, as interações entre os sistemas de produção existentes e a prática de guardar sementes. Mesmo entre os assentados e assentadas que alegaram desconhecimento do termo agroecologia, praticamente todos também realizam práticas agroecológicas, demonstrando que apenas desconhecem o termo, mas são detentores de conhecimentos ancestrais e populares muito ricos.

Assim, torna-se importante ressaltar que o “uso contemporâneo do termo agroecologia data dos anos 70, mas a ciência e a prática da agroecologia são tão antigas como a agricultura” (HECHT, 1993, p.4). No mesmo sentido, Santos (2021) afirma que apesar do termo Agroecologia ter sido mais utilizado a partir da transição entre os séculos XX e XXI, as populações rurais diversas são detentoras de antigas



práticas sociais e ambientais condizentes com os princípios agroecológicos, porém, que ainda não recebiam tal nomeação.

Devido às imposições trazidas pelo avanço da agricultura no campo, as populações rurais foram submetidas a transformações em seu modo de produzir, como a assimilação do manejo convencional (CAMARGO, 2007). Por isso, torna-se essencial a (re)apropriação e aprofundamento da agroecologia pelos camponeses.

Conclusões

A partir da pesquisa realizada, acreditamos que o assentamento Dom Tomás Balduino, apesar de conservar as práticas agroecológicas citadas, apresenta uma carência muito grande de um aprofundamento na formação em agroecologia, assim como carece de Assistência Técnica e Extensão Rural Agroecológica (ATER Agroecológica), tão indispensável para a construção da transição agroecológica de forma ampla, como bem ressaltou Caporal (2020). Tanto a ATER Agroecológica como a formação em agroecologia deveriam estar sendo realizadas pelo poder público - de maneira participativa, emancipatória, comprometida e respeitosa, valorizando o conhecimento local -, e não dependendo apenas do MST para realizar tal tarefa, como vem acontecendo há tempos.

Apesar das dificuldades, os assentados do assentamento em questão buscam manter a produção na medida do possível. Mesmo com tantas questões, grande diversidade pode ser encontrada nos lotes familiares. Tal constatação evidencia a potencialidade para o avanço da transição agroecológica no território. Porém, sem um aprofundamento na construção do conhecimento agroecológico e uma apropriação da agroecologia, seus fundamentos e princípios - evitando, inclusive, confusões enunciadas nas falas dos assentados -, o processo acaba por ser extremamente dificultado.

Por fim, acreditamos que o diálogo com as populações rurais é imprescindível para a construção do conhecimento agroecológico já que, somente dessa maneira podemos nos engajar a respeito de suas demandas, tornando possível a construção, de fato, de um conhecimento que transcenda os muros acadêmicos e que seja coerente com a realidade vivida nos territórios.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a todos moradores e moradoras do assentamento Dom Tomás Balduino, à minha orientadora Larissa Bombardi, e aos meus amigos Eduardo, Pedro, Wanessa e Juliana. À Fapesp pelo apoio financeiro - processo nº 2021/07257-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.



Referências bibliográficas

ABA. **Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia - ABA-Agroecologia**. Belém. 2015. Disponível em: https://aba-agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Estatuto_ABA_2015.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável**. 3a. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

CAPORAL, Francisco R. Transição Agroecológica e o Papel da Extensão Rural. **Extensão Rural**, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.27, n.3, p.7-19, 2020.

CAMARGO, Paulo. Fundamentos da transição agroecológica: racionalidade ecológica e campesinato. **Agrária**, São Paulo, n.7, p.156-181, 2007.

FERREIRA, Joelson; FELÍCIO, Erahsto. **Por terra e território: caminhos da revolução dos povos no Brasil**. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

HECHT, Susanna B. A evolução do pensamento agroecológico. **Agroecologia e desenvolvimento**. Ano 1, n.1. p. 4-20. Ago. 1993. Disponível em: <https://niarural.files.wordpress.com/2011/09/a-evoluc3a7c3a3o-do-pensamento-agroecolc3b3gico.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MACHADO, Luiz C. P.; MACHADO FILHO, Luiz C. P. **A dialética da agroecologia**. 1ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2014.

MARCOS, Valéria. Trabalho de Campo em Geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.84, p.105-136, 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Os (Des)caminhos do Meio Ambiente**. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do Solo Vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2.ed.rev. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

SANTOS, Jairã S. **Abordagens teóricas sobre agroecologia e povos indígenas no Brasil**. 2021. Trabalho de conclusão de graduação em agronomia - Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2020.